

**DESVENDANDO O JOGO:
NOVA LUZ SOBRE O FUTEBOL**

Editora da UFF

Nossos livros estão disponíveis em

<http://www.editora.uff.br>

Livraria Icaraí

Rua Miguel de Frias, 9, anexo, sobreloja, Icaraí,

Niterói, RJ, 24220-900, Brasil

Tel.: +55 21 2629-5293 ou 2629-5294

livraria@editora.uff.br

Dúvidas e sugestões

Tel./fax.: +55 21 2629-5287

secretaria@editora.uff.br

DESVENDANDO O JOGO: NOVA LUZ SOBRE O FUTEBOL

**CIÊNCIAS HUMANAS
COLETÂNEA**

ORGANIZADORES:

BERNARDO BORGES BUARQUE DE HOLLANDA

LUIZ GUILHERME BURLAMAQUI



Niterói, 2014

Copyright © 2013 by Silvana Louzada

Direitos desta edição reservados à Editora da UFF - Editora da Universidade Federal Fluminense - Rua Miguel de Frias, 9 - anexo - sobreloja - Icaraí - CEP 24220-900 - Niterói, RJ - Brasil -Tel.: (21) 2629-5287 - Fax: (21) 2629-4 5288 - <http://www.editora.uff.br>- E-mail: secretaria@editora.uff.br

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Revisão e normalização: Janice Mansur

Edição de texto: XXXXXXXXXX

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Thelio Falcão

Produção editorial: Leandro Dittz

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Roberto de Souza Salles

Vice-Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação: Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Diretor da Editora da UFF: Mauro Romero Leal Passos

Divisão de Editoração e Produção: Ricardo Borges

Divisão de Distribuição: Luciene Pereira de Moraes

Assessoria de Comunicação e Eventos: Ana Paula Campos

Comissão Editorial

Presidente: Mauro Romero Leal Passos

Ana Maria Martensen Roland Kaleff

Gizlene Neder

Heraldo Silva da Costa Mattos

Humberto Fernandes Machado

Juarez Duayer

Livia Reis

Luiz Sérgio de Oliveira

Marco Antonio Sloboda Cortez

Renato de Souza Bravo

Silvia Maria Baeta Cavalcanti

Tania de Vasconcellos

OS HERÓIS E OS VILÕES DO FUTEBOL

Leda Costa

Heróis e vilões são personagens muito familiares e fartamente presentes no imaginário ocidental, já que consagrados por produções ficcionais e perpetuados por intermédio de romances, filmes e quadrinhos. Em um país como o Brasil, em que a telenovela ocupa espaço privilegiado, sendo capaz de capitalizar a atenção de milhões de pessoas, heróis e vilões são tipologias muito populares e deles se pode lançar mão sempre que se achar necessário. Heróis e vilões são personagens centrais de muitas histórias por nós criadas e contadas, histórias que terão como marca a construção de um mundo dividido entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Mundos esses que podem ser perfeitamente representados a partir da antítese heróis *versus* vilões.

No que diz respeito às figuras heroicas, é de se destacar que remontam à Antiguidade Clássica quando os heróis eram representantes do elo entre os deuses e os humanos e capazes de atos que fugiam ao alcance de um indivíduo comum. Aos heróis costumavam ser atribuídas características consideradas nobres: “Heróis são pessoas dinâmicas e sedutoras – de outra forma não seriam heróis. É a expressão de um espírito soberbo. Associa-se à coragem, à integridade e ao desdém pelas mesquinhas concessões que permitem à maioria não heroica ir levando a vida” (HUGHES-HALLETT, 2007, p. 13)

Essa imagem nobre persiste no século XIX, momento em que o heroísmo encontra refúgio neste gênero no qual “A característica essencial de todo herói de melodrama é a de ser puro e sem manchas, e de opor às obscuras intenções do vilão uma virtude sem defeitos” (THOMASSEAU, 2005, 42). Embora sejam mais humanizados, os heróis do melodrama continuam a ser concebidos como indivíduos que se diferenciam dos demais, seja por seu caráter e qualidades morais, seja por suas façanhas. De um modo geral, o que parece permanecer como característica da figura heroica é a sua capacidade de flutuar acima da média humana.

Ao contrário dessa concepção heroica, os vilões são justamente aqueles que jamais se colocam acima da humanidade, mas dela se aproximam ou mesmo se posicionam alguns degraus abaixo. Daí sua constante associação às forças demoníacas. É nos melodramas que se pode observar a consagração dos vilões como personagem que exerce um contraponto à figura do herói. Vilão “é um indivíduo que parece possuir o dom da ubiquidade [...] ele parece agir apenas por ambição ou vingança” (THOMASSEAU, 2005, p. 42).

Durante muito tempo essa polaridade se manteve e com pouquíssimas alterações. Entretanto, há de se considerar um notável enfraquecimento desse mundo equilibrado entre as forças do bem e do mal, tão bem delimitadas e que pouco se misturavam. A subversão dos modelos heroicos e sua complexificação marcou a literatura ocidental,

fato que pode ser notado no surgimento do anti-herói, fortemente presente na obra de autores como Dostoievski. O anti-herói representa antes de tudo a encarnação de uma época “de ceticismo e fé definhante, época marcada pela consciência difusa da perda e da desordem, a intencional subversão da tradição heroica” (BROMBERT, 2001, p. 20). Sendo assim, o anti-herói se insere em um contexto em que ocorre uma demanda por protagonistas ambíguos e, muitas vezes, incapazes de atender às expectativas alheias. Porém, mesmo fracassados podem se tornar alvo de identificação já que são capazes de transformar suas fraquezas em uma espécie de força que os move e os mantém em pé, em um mundo caótico e sem sentido.

As categorias herói e vilão passaram por revisões e atualizações em diversas produções culturais e em termos de apelo popular há de se reconhecer que os vilões têm conquistado cada vez mais a atenção e a identificação do público. Darth Vader e sua legião de fãs espalhados pelo mundo é um exemplo desse fenômeno, que também pode ser amplamente observável nas telenovelas brasileiras. Personagens como Odete Roitman, Maria de Fátima, Carminha e Flora⁷⁵ foram extremamente populares servindo de alavanca para o sucesso das telenovelas por elas protagonizadas.

Porém, existem lugares em que as concepções clássicas de herói e vilão mantêm-se pouco alteradas: o esporte e as narrativas dele derivadas. As narrativas heroicas são quase que imperativas no campo esportivo contemporâneo e exemplos dessa hipótese não faltam nos comerciais divulgados pela mídia, propagandas nas quais atletas surgem representados sob a aura de heróis míticos. Imagens que se multiplicam, sobretudo durante importantes competições como é o caso das Olimpíadas e das Copas do Mundo. Em 2006, por exemplo, faltando 40 dias para a Copa do Mundo, o jogador Ronaldinho Gaúcho protagonizou 12 diferentes comerciais. Em uma dessas produções Ronaldinho figurava com astros como Beckham, Totti e Roberto

75 Vilãs das novelas Vale tudo, Avenida Brasil e A Favorita, respectivamente.

Carlos desempenhando o papel de gladiadores medievais: “De forma explícita a ideia era associar os atletas de futebol aos gladiadores que lutavam com bravura nos anfiteatros espalhados por todos os domínios do império romano” (CAPRARO, 2011, p. 164)

Porém mais do que a propaganda, a imprensa esportiva há tempos tem se apropriado das tipologias heroicas e vilânicas, fazendo-as indispensáveis à formulação das notícias esportivas. Esse fenômeno se evidencia nas Copas do Mundo quando as derrotas são traduzidas como derivadas das ações de um vilão e as vitórias produtos direto da presença dos heróis da bola. No caso brasileiro, assim como ocorre nos melodramas e folhetins, os vilões e os heróis são fundamentais às narrativas produzidas pela imprensa esportiva, pois são capazes de condensar grande parte da carga dramática conferida às histórias do futebol e, especialmente, às histórias derivadas dos jogos da seleção brasileira em suas participações nas Copas do Mundo.

Nesse sentido, é importante pensar os vilões e os heróis como pertencentes a um contexto em que a imprensa esportiva gradativamente passa a incorporar novas formas de produção da notícia, enfatizando aspectos emotivos e conflituosos do esporte.

Esse tipo de investimento se evidencia no privilégio dado aos efeitos produzidos sobre os leitores. A insistência na figura dos vilões e dos heróis se explica em um contexto de reforço de identidades e no caso do futebol relaciona-se também a uma imprensa esportiva cuja produção cada vez mais se aproxima das narrativas típicas do entretenimento e que investe em fórmulas narrativas de fácil acesso público, oferecendo-lhe conteúdos familiares e coletivamente compartilhados. É o caso dos vilões e dos heróis que devido a seu caráter familiar, têm um ótimo rendimento na memória e na imaginação do público.

Pensar na derrota da seleção, na Copa de 1950, por exemplo, é lembrar do “vilão” Barbosa, o goleiro acusado de ter cometido uma falha fatal que teria resultado no segundo gol da seleção uruguaia e

na consequente derrota da seleção e perda do título mundial daquele ano. Enquanto o herói é representado como aquele que percorre uma trajetória ascendente na qual, como propõe Joseph Campbell (1990), um *status* de superioridade lhe é conferido, o vilão é lançado numa trajetória em queda que o conduz a um território de culpabilizações das quais, muitas vezes, não consegue livrar-se. Se a vitória tem nos heróis seus protagonistas para os quais se destina o trono do futebol brasileiro, a derrota, por sua vez, também possui seu personagem principal e ele é o vilão. Nas narrativas da imprensa esportiva, os limites que separam os heróis dos vilões são tênues e claramente dependentes do resultado final de uma partida.

Para melhor analisar essas questões, proponho um breve percurso por algumas reportagens sobre a participação da seleção brasileira em Copas do Mundo, buscando nelas os modos pelos quais heróis e vilões do futebol foram construídos e representados. Afinal de contas como diz Todorov sem “as narrativas que o glorifique o herói não é mais um herói” (1995, p. 57). Essa frase pode ser perfeitamente adequada ao caso dos vilões, afinal embora diferentes, heróis e vilões ganham vida pelas narrativas por nós construídas. E entre essas narrativas estão aquelas sobre futebol.

A transfiguração atlética

O mundo da bola, também, costuma ser dividido entre o bem e o mal, cabendo aos vilões o papel de partidário das forças maléficas do mesmo modo como ocorre na ficção. Concepções de virtude e vício são forjadas em diálogo com uma série de valores e representações que permeiam o território futebolístico e é em diálogo com as mesmas que as tipologias vilânicas são configuradas. Vilões são sempre construídos em contraposição a normas e expectativas mantidas e criadas por determinados grupos, que podem ser de torcedores, público em geral, jornalistas, dirigentes, etc. Por isso, os vilões são sempre alvo de críticas, reprovações e punições sejam concretas ou simbólicas.

Uma das tipologias mais conhecidas de vilania futebolística é aquela relacionada à antidesportividade, e costuma ser conformada em oposição aos padrões de *fair play* e disciplina requeridos para os profissionais da bola. Esse tipo de vilão nos traz à mente as imagens do jogador Edmundo distribuindo socos em Juninho Paulista, em 1994, no jogo São Paulo e Palmeiras, ou as do holandês Frank Rijkaard cuspidando em Rudi Voller, na partida entre Alemanha e Holanda, pela Copa de 1990, ou de Zinedine Zidane que na final da Copa de 2006 agrediu o zagueiro italiano Marco Materazzi com uma forte cabeçada no peito. Há um vasto repertório desse tipo de vilania. Mas não é dela que se pretende tratar.

Os vilões aqui em questão são aqueles assim denominados por terem sido culpabilizados por alguma derrota decisiva. Não de uma derrota qualquer, mas daquelas ocorridas em jogos decisivos, pois esse é o palco perfeito para o surgimento desse vilão. Afinal, 90 minutos é tempo suficiente para marcar a trajetória de um jogador de futebol, o que demonstra que Jair, um dos integrantes da seleção de 50, não deixava de ter razão em pensar que o “futebol é ingrato” (NETO, 2000, p. 135). Afinal, no dia 16 de julho de 1950, ele pisara no gramado do Maracanã como um dos heróis da seleção brasileira, mas, assim como seus colegas, saiu do mesmo com o estigma de perdedor. De nada valeram as triunfantes goleadas sobre Espanha e Suíça, pois a carreira daqueles atletas foi anexada àqueles noventa minutos, jogados e perdidos para os uruguaios. Muitas vezes, basta esse curto espaço de tempo para que nasçam nossos heróis e nossos vilões. Os primeiros serão os personagens principais das vitórias e os segundos terão o inglório papel de protagonistas da derrota. Enquanto o herói percorre uma trajetória ascendente, em que um *status* de superioridade lhe é conferido, o vilão é lançado numa queda que o conduz a um território sombrio de culpabilizações das quais, muitas vezes, não consegue se livrar.

Aprendemos com os romances e – no caso brasileiro também com as novelas – que tudo que acontece de ruim, geralmente, é obra

arquitetada por algum vilão. E o mesmo ocorre no futebol. Quando tudo dá errado e descamba em derrota, o torcedor tem a impressão de que há por trás desse fracasso, a ação decisiva e maligna de um jogador, de um técnico ou mesmo dirigente. Temos a tendência de pensar que toda derrota tem um culpado. E esses culpados são os vilões. São eles que emblematizam uma derrota, dão-lhe rosto e nome, tornando-a menos abstrata. Sem os vilões as histórias do futebol seriam incompletas, pois esses personagens têm um ótimo rendimento na memória e no imaginário do torcedor. Como disse certa vez Mário Filho “é preciso reconhecer a importância do vilão na história do futebol” (1994, p. 107). Sobre ele depositamos uma série de valores relacionados não apenas ao futebol, mas a outras esferas da sociedade. Valores negativos certamente, pois a identidade vilânica é composta, sobretudo, de lacunas, falhas, enfim tudo que tenha o peso da negatividade. Podemos concebê-lo como lento, sem habilidade, sem garra, mascarado ou mercenário, o que vale mesmo é que o vilão da derrota é aquele que sempre decepçiona e fica a dever.

Trata-se, porém, de uma percepção filtrada pela derrota. Por intermédio do resultado do jogo, certos profissionais do futebol podem ser transfigurados em heróis ou vilões. A transfiguração, no sentido proposto por Hans Ulrich Gumbrecht, é um conceito bastante útil para pensarmos os processos de construção do perfil de alguns personagens importantes do âmbito futebolístico. Transposto para o domínio esportivo, a transfiguração pode ser compreendida como o processo pelo qual a percepção que temos de um determinado atleta se transforma e o mesmo passa a ser concebido a partir de uma perspectiva que o diferencia dos demais. Uma diferenciação que pode ser gloriosa ou fracassada, já que essa transfiguração atlética se dá em um contexto competitivo no qual existe a possibilidade de ganhar e o risco de perder.

De acuerdo con *el Nuevo Testamento*, la transfiguración es una transformación que bien puede ocurrirles a los seres humanos. En el Monte Tabor, Jesús, Moisés y Elías se aparecen

transfigurados ante los discípulos. Sus cuerpos brillan. De modo similar, la victoria – y la derrota – hacen brillar en la luz del triunfo o la tragedia los cuerpos e sus movimientos [...] pienso que la victoria o la derrota les dan distintas variedades de lo que la tradición cristiana acostumbraba llamar un ‘halo’, y que los intelectuales hoy han venido a llamar una “aura”. (GUMBRECHT, 2005, p. 79).

As sombras da derrota conferem aos vilões uma aura obscura.⁷⁶ E o eleito passará, por algum motivo, a não ser reconhecido como membro legítimo de uma determinada comunidade, causando, portanto, estranhamento e principalmente rejeição. Por isso, é muito comum afirmar que tal atleta “não pode vestir a camisa” de tal time, afinal a derrota amplifica defeitos e, muitas vezes, os inventa. Assim, a imagem de um determinado jogador pode modificar-se bastante após o fracasso em uma partida importante. É em meio à angústia e a revolta pela perda de um título ou eliminação de um time da fase final de alguma competição que costumamos eleger nossos vilões.

Contra eles, a torcida se une tendo como fundamento a raiva, mostrando, desse modo, que Nelson Rodrigues não estava exagerando quando afirmou, certa vez, que o ódio formava a “base sentimental da torcida [...] Repito, sem ódio não há torcida possível” (RODRIGUES, 1994, p. 14).⁷⁷ Em um espetáculo no qual as afetividades são constantemente acionadas, não podíamos imaginar que apenas o discurso do amor pudesse servir de alimento para o universo futebolístico. Há muito espaço para o seu reverso. A socióloga Janet Lever não deixou de reconhecer que o futebol é um poderoso produtor de símbolos compartilhados e, por isso, os “pontos focais de hostilidade também unem as pessoas” (LEVER, 1983, p. 157).

76 Algumas palavras de Mário Filho podem ser úteis para esclarecer esse processo de transfiguração, principalmente operado pela vitória: “A vitória é como uma varinha de condão que transforma um jogador num ente superior. A multidão fá-lo ídolo” (*Manchete esportiva*, 24/05/1958).

77 Aqui é interessante uma referência a Freud e aos instintos de agressão que com Eros, segundo o psicanalista, “divide o domínio do mundo” (1969, p. 144). Pelo visto divide o mundo futebolístico também.

E de fato, muitos torcedores se irmanam para ofender, ameaçar e fazer uma série de outras manifestações de repúdio contra alguém que lhes pareça ser o responsável pelo revés de seus times. Ao contrário dos vilões da indisciplina,⁷⁸ os do fracasso dificilmente conseguem ser alvo de identificação, mas quase sempre de rejeição. A construção dessa identidade negativa é mediada pela derrota. Por isso, muitas vezes, a distância que separa os heróis dos vilões do futebol, pode ser menor do que imaginamos, afinal essa diferença se constrói, muitas vezes, após 90 minutos. Em 1997, por exemplo, podíamos ouvir no estádio Caio Martins, no Rio de Janeiro, a torcida do Botafogo gritar o nome de um de seus jogadores na época: “Ei, ei, Bentinho é nosso rei”. Coro que, entretanto, não resistiu à derrota da estrela solitária, por isso quando o Botafogo já perdia pelo placar de 3 X 1, o grito de apoio foi esquecido e rapidamente substituído por ameaças: “Bentinho, agora é sério, se não correr, vai parar no cemitério” (LEVER, 1983 apud SOUTO, 2000, p. 96).

Mas, como comenta a socióloga Janet Lever, “a máquina do futebol não poderia operar sem homens dispostos a participarem sobre essas condições adversas” (1983, p. 161). Se fizéssemos uso da clássica tese de Norbert Elias poderíamos conceber os vilões como excelentes mecanismos catárticos, pois seriam capazes de fornecer ao torcedor uma via rápida para se expurgar o excesso de excitação provocada pelo jogo, no caso, provocado especialmente por uma derrota. As figuras vilânicas, como já foi dito, dão rosto e nome ao fracasso. Eles são ofendidos em coro e se transformam numa espécie de saco de pancadas em que se bate na tentativa de aliviar a revolta provocada pela derrota. Os vilões quase sempre apanham de modo simbólico, são xingados com uma série de ofensas bastante pejorativas no território

78 Vilões da indisciplina são jogadores que costumam se envolver em confusões dentro de campo. Geralmente são criticados pela imprensa. Entretanto essa crítica e seu comportamento em campo, muitas vezes, não interferem na sua relação com a torcida. Vejamos o caso de Edmundo, diversas vezes envolvido em brigas e episódios violentos dentro de campo. Entretanto, tanto a torcida do Palmeiras quanto, e sobretudo, a do Vasco da Gama transformaram-no em um ídolo símbolo de atitude e garra em campo.

futebolístico. E quanto mais doloroso for um fracasso, maior será a ânsia por respostas rápidas e pouco complexas, e por depositar a responsabilidade sobre alguns indivíduos isolados.

Mas o que parece uma reação típica de torcedores, também, se faz notar no discurso da imprensa, especialmente no que se refere às derrotas da seleção em Copas. A pergunta “Por que o Brasil perdeu?”, que serve de mote principal às narrativas da derrota, é quase sempre respondida pelas figuras vilânicas, afinal são seus erros e sua “desastrada” presença em campo que justificam o insucesso da seleção. Diabolizamos os vilões e, muitas vezes, o enxergamos como um sujeito de intenções suspeitas, como uma espécie de gênio mal da família que se corrompe por algum interesse escuso.

Essa interpretação, em parte, está relacionada ao fato de se imputar aos jogadores da seleção um papel que ultrapassa o de simples atletas. É comum que os jogadores da seleção sejam concebidos como defensores e seres capazes de “representar (no sentido mais metonímico do termo) o ‘povo brasileiro’ o que se faz notar tanto no discurso da imprensa e na propaganda.”⁷⁹ Tal processo, como mencionado, já se fazia muito presente na Copa de 1950 e com o tempo foi sendo reforçado. Mas antes de falarmos de similitudes é importante compreendermos que o padrão típico dos vilões da derrota demorou certo tempo até se consolidar. Há certas especificidades na vilania de 1950 que precisam ser levadas em conta, pois essa derrota, por si só, não bastaria para explicarmos a pertinência desse modelo de vilão.

79 Em 1954, o *Jornal dos Sports* publicou em primeira página a seguinte declaração: “O Presidente Vargas aos scratchmen: ‘Os senhores não esqueçam que representam lá fora a habilidade, a força e a resistência de uma raça, da nossa raça. Se perderem quem perderá será o Brasil. Se vencerem, O Brasil será vitorioso. Lutem por ele.’” (*JS*, 26/05/1954). Certamente a essa ênfase nacionalista em relação à seleção brasileira vem diminuindo com o passar do tempo. Entretanto é interessante notar como ela ainda se faz presente e atualizada pela propaganda. Em 2010, uma propaganda de um dos patrocinadores da seleção brasileira, veiculada pela TV, dizia: “O jogo aqui dentro é uma *batalha contra todos* e contra tudo. A responsabilidade pesa, a bola pesa. Mas aí eu lembro de quem eu to representando [nesse momento é mostrada a torcida brasileira]...”

A principal especificidade diz respeito aos parâmetros avaliativos utilizados para o julgamento da atuação dos jogadores do selecionado nacional.

A transfiguração de Obdulio

Em 1950, miravam-se os uruguaiois para se conceber os jogadores brasileiros como covardes e sem fibra. Mirava-se, principalmente, o capitão, Obdulio Varela que foi, constantemente, exaltado pelos próprios brasileiros, como um capitão à moda antiga, ou seja, aquele que é a “alma e arma de uma equipe”, como afirmou Geraldo Romualdo da Silva (*JS*, 03/08/1950). Mário Filho chegou a ir mais longe ao propor que Obdulio, assim como Friendenreich, era mais um mulato a ocupar o posto de ídolo nacional, um “ídolo às avessas”, já que pertencia ao Uruguai, mas que, nem por isso, deixava de despertar admiração no brasileiro, que acreditava que se ele “tivesse jogado pelo Brasil, o Brasil teria sido campeão do mundo” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 336). Tratava-se de uma superioridade, antes de tudo moral, afinal como foi mencionado no capítulo anterior, as avaliações das derrotas da seleção em Copas costumam recorrer a critérios que não dizem respeito somente ao desempenho atlético.

Por trás daquela interpretação resplandece a figura da garra uruguaia, perfeitamente encarnada na altivez de Obdulio Varela. A avaliação negativa lançada sobre o desempenho da seleção nacional foi, em grande parte, construída em oposição à imagem que se tinha de “el grán capitán”. Imagem que como vimos baseia-se em estereótipos e que, em grande medida, se constrói após o jogo, pois foi a vitória uruguaia que operou a “transfiguração” (GUMBRECHT, 2005, p. 79) de Obdulio no “ídolo às avessas”, que fez com que seus gestos e atitudes em campo passassem por um processo de ressignificação, fazendo-lhe agigantar-se ante nossos olhos e, principalmente, agigantar-se em nossa imaginação. Entretanto cabe perguntar: antes do término da partida, quem era Obdulio? Onde está Obdulio? Estaria ele nas capas de jornal ou nas entrevistas publicadas? Estaria ele figurando

nas páginas da imprensa esportiva como um dos mais importantes jogadores do time uruguaio?

Nos dias que antecedem ao jogo decisivo, nas edições dos principais jornais, havia poucas menções ao time uruguaio e a seu capitão que já podia ser um ídolo para os uruguaio, mas certamente estava longe de sê-lo, mesmo que às avessas, para o brasileiro. A cobertura da imprensa nacional, nos dias que precedem o confronto, possuía um tom celebratório que visava, antes de tudo, enaltecer o grande feito dos nossos jogadores até aquele momento. A *Gazeta Esportiva* publicada no dia 15 de julho de 1950, dizia: “Venceremos o Uruguai” (apud PERDIGÃO, 1986, p. 69). Já o *Diário Carioca*, embora mencionasse que os uruguaio deviam ser respeitados, sentenciou que: “O futebol mundial tem novo senhor: chama-se Brasil” (apud PERDIGÃO, 1986, p. 69). Raramente era lembrado que enfrentaríamos um forte adversário, obliterando-se o fato de a seleção celeste ser composta por bons jogadores formados em uma tradição futebolística extremamente exitosa na época.⁸⁰ “Tudo preparado para a vitória!”, assim dizia a manchete do *Jornal dos Sports* do dia 15/07/1950, deixando claro que o Uruguai era apenas um detalhe, um simples coadjuvante em nossa festa.

Em caso de vitória brasileira, é provável que Obdulio permanecesse esquecido. Mas com derrota os gestos de Obdulio foram *ressignificados*, consolidando assim um mito para os uruguaio⁸¹ e fazendo nascer outro para os brasileiros. A dor da derrota se conjugava com a admiração a Obdulio que chegou a tomar cerveja com torcedores

80 A seleção uruguaia conquistara o título de campeã mundial em 1930, mas antes já havia conquistado o bicampeonato olímpico. Alguns jornais atentaram para os perigos de se enfrentar o Uruguai. O *Globo*, por exemplo, disse: “E por que conhecemos muito bem os orientais não devemos facilitar, não devemos subestimar os resultados que os mesmos tiveram nos matches contra os espanhóis e os suecos” (apud PERDIGÃO, 1986, 65)

81 Sobre a importância de Obdulio e da vitória da seleção uruguaia, em 1950, Richard Giulianotti escreveu: *The match had a stronger symbolic impact upon Uruguayan identity. Not only had the football team triumphed over giant odds, but Varela's valorous performance had personified a profound sense of national belief and self-determination. The argument with the referee became an almost mythical moment, a metonym for the new Uruguay, and a pivotal image in the formulation of a collective memory within this modernizing nation* (2006, p. 140).

brasileiros, na noite do dia em que a seleção perdeu o título mundial para a Celeste.⁸² Um exemplo de honradez e fibra, e que, sobretudo, serviu de parâmetro avaliativo do desempenho da seleção naquele decisivo jogo do dia 16 de julho de 1950. Obdulio foi uma espécie de paradigma positivo a partir do qual foram julgados principalmente nossos vilões Barbosa e Bigode e que apequenava ainda mais nossos jogadores, pois como certa vez disse Friaça: “Nós, os jogadores, sofremos em todos os cantos, porque, para onde a gente ia, ouvia só duas palavras: Obdulio, Uruguai” (NETO, 2000, p. 107).

Entretanto, não foi apenas a derrota que conseguiu transformar o capitão uruguaio em nosso “ídolo às avessas” e fez dele, assim como a Celeste, o padrão que serviu de contraponto à vilania de 50. Esse fenômeno tornou-se possível, pois, em 1950, nossa identidade futebolística ainda estava em formação, carecendo de certezas e, principalmente, de resultados palpáveis dentro de campo. A Copa realizada no Brasil, sem dúvida, alimentou uma série de discursos ufanistas que viam no evento uma forma de levar o nome do país para além das fronteiras sul-americanas (MOURA, 1998, p. 114). Mas a imagem que se tinha do futebol nacional ainda era um pouco diferente da que se possui hoje em dia. Assim como a relação que mantínhamos com a seleção e com as Copas do Mundo estava um pouco distante daquela que aprendemos a cultivar. Zizinho, um dos principais nomes

82 Armando Nogueira em texto intitulado “A triste noite de um campeão” publicado no jornal *O Estado de São Paulo* narra a noite do dia 16 de julho de 1950 em que Obdulio Varela sai para tomar um chope em algum bar no Rio de Janeiro. Depois de andar um pouco Obdulio entra em um bar na Avenida Copacabana. Enquanto esperava pela bebida, Obdulio observa o seu redor e vê um rapaz lamurioso: “Ressoa pela sala a tristeza cósmica do povo brasileiro. – O Obdulio derrotou o Brasil – dizia, em prantos, o torcedor.” O dono do bar resolve apresentar Obdulio ao rapaz: “O dono do bar foi à mesa do campeão, levando pelo braço o rapaz, ainda choroso. - Sabe quem é este? Este é o Obdulio Varela. – E apresentou um ao outro. – Tive a súbita sensação de que aquele rapaz podia me matar - confessa Obdulio – e, se me matasse, talvez merecesse absolvição. – Por favor, Obdulio – disse, reverente, o rapaz –, você quer tomar um chope comigo?” (*O Estado de São Paulo*, 18/08/1996, *Esportes*, p.2). Obdulio em sua Biografia dá a sua versão dos fatos que embora seja um pouco diferente da contada por Armando Nogueira, confirma a admiração do brasileiro por Obdulio: *Me metí en la cantina y pedí una caipirinha. ¡como dolía La tristeza ajena! Al rato, estaba rodeado de brasileños que me habían reconocido. Pense por un momento que se acababa todo. Pero no. En vez de matarme de insultarme o cosa parecida, me dieron su respeto, su consideración* (PIPPPO, 1993, p. 110).

da seleção de 1950, em entrevista, comenta que disputou a Copa, sem ter “noção do que fosse realmente uma Copa do Mundo” (NETO, 2000, p. 111). Pode nos parecer espantosa tal declaração, mas é preciso lembrar que havia 12 anos que esse evento não se realizava, devido à segunda guerra mundial. Além disso, o trânsito de informações ainda era precário, pois a imprensa no Brasil ainda engatinhava em termos tecnológicos. Zizinho, por exemplo, disse que “nunca tinha visto a Iugoslávia ou a Suíça jogarem – dois dos nossos principais adversários” (NETO, 2000, p. 111).

É válido frisar que todo vilão é antítese de algum conjunto de valores. Em 1950, os vilões foram erguidos em contraponto à imagem de Obdulio e da garra uruguaia, em parte porque ainda não possuíamos como referência uma “escola brasileira” de futebol consolidada. Por isso, Obdulio continuou servindo de parâmetro enquanto a seleção não tinha a si mesma como modelo de vencedor. Em 1954, lá estava ele e a Celeste, ainda resplandecendo como exemplos de virtudes e conquistas. O vilão dessa Copa foi Mr. Ellis⁸³, mas os uruguaios ainda faziam morada em nosso imaginário. Mário Filho, por exemplo, demonstrava certeza de que tanto Mr. Ellis quanto a FIFA jamais ousariam ludibriar aos Uruguaios, pois estes “reagirão a bofetada” (*JS*, 30/06/1954).⁸⁴ Ao que parece, os Uruguaios continuavam a ser vislumbrados como um exemplo perfeito de conduta⁸⁵ em campo.

83 Mr. Ellis foi bandeirinha do jogo Brasil X Uruguai em 1950. E foi juiz da partida Brasil x Hungria em 1954. Nesse jogo, Mr. Ellis foi acusado de ter prejudicado a seleção brasileira ao apitar um pênalti indevido. Mário Vianna sobre esse evento disse: “foi o maior assalto esportivo de todos os tempos” (*JS*, 13/07/1954).

84 O jornalista fazia referência a uma possível arbitragem desonesta, no jogo Brasil e Hungria, válido pelas quartas-de-final da Copa de 1954 em que fomos eliminados dessa competição. O árbitro em questão é Mr. Ellis, que em 1950 havia sido o bandeirinha do jogo do dia 16 de julho e que na Copa seguinte apitou a decisiva partida dos brasileiros contra a poderosa e temida Hungria. Um jogo confuso e violento que contribuiu para fazer de Mr. Ellis o grande vilão da Copa de 1954.

85 É interessante notar que havia certo enaltecimento da imagem violenta que se fazia do Uruguai. Mário Filho em diversas crônicas, sobretudo, as de Mário Filho que, por exemplo, escreveu “Não vamos, pois achar que os uruguaios deviam se ajoelhar toda vez que pisassem o gramado do Maracanã. Eles não se ajoelharão nunca e sabemos disso. Eles foram campeões do mundo porque deram um bofetão em Bigode. E enquanto precisarem esbofetear os Bigodes que aparecerem no caminho de uma vitória, não hesitarão” (apud ANTUNES, 2004, p. 147)

Mas após 1958 e 1962 não será mais necessário recorrer a Obdulios Varelas para servir de exemplo poderoso aos nossos vilões.⁸⁶ Dessas vitórias nasceram heróis que entraram para a história do futebol nacional. Com nomes como Pelé e Garrincha, tornaram-se desnecessários “ídolos às avessas”, pois teremos nossos próprios modelos heroicos, quando o assunto for seleção brasileira. Já em 1966, após a eliminação do selecionado por Portugal, Mário Filho, por exemplo, podia afirmar: “O caminho a seguir não é mudar o futebol brasileiro [...] É voltar a 58 e 62” (*JS*, 26/07/1966). Dessa vez, era para nós mesmos que olhávamos e será para a nossa própria história que olharemos quando quisermos configurar nossos vilões. Esses personagens serão avaliados sob a luz dos heróis de conquistas passadas que, por sua vez, serão considerados os “autênticos” representantes do futebol nacional. Futebol com F maiúsculo, do qual nos orgulhamos e exaltamos.

Isso só se torna possível, pois as glórias da seleção possibilitarão que o futebol nacional passe a ser representado como aquele que em nada fica a dever a outras escolas, ou melhor, que o mesmo havia alcançado *status* de superioridade inquestionável. As expectativas daí para frente serão de vitória e somente vitória, pois a derrota se firma como um desvio desse caminho certo. Os vilões, por sua vez, são consolidados como personagens que, de algum modo, não cumprem devidamente tudo aquilo que se espera de um jogador da seleção. Uma seleção à qual já havia sido agregado um conjunto de valores basilares para a avaliação que teremos sobre seu desempenho em Copas do Mundo. Valores, a partir dos quais ergueremos nossos heróis e nossos vilões.

86 A esse respeito Mário Filho disse: “Vocês, aí na Suécia, só exibiram e só exaltaram nossas virtudes. Mostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, pelo entusiasmo, pelo amor a pátria, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica. Por isso somos gratos a vocês. Não temos mais nada a invejar de ninguém. Vocês não foram os uruguaios que queríamos que os jogadores de 50 tivessem sido em 16 de julho. Vocês foram brasileiros e, como brasileiros, sem tomar nada emprestado de ninguém, venceram o campeonato do mundo [...]” (*JS*, 30/06/1958, grifos meus).

Futebol “desbrasileirado”

A partir de 1962, a vilania se consolidará como uma identidade desviante, mas em relação aos padrões consagrados do futebol nacional. Nesse processo de atribuição de responsabilidades, os vilões quase sempre pertencerão aos nossos próprios domínios, por isso raramente serão juízes⁸⁷ e quase nunca pertencerão ao adversário. O inimigo está sempre entre nós, afinal, como já assinalou a antropóloga Simoni Guedes “são os nossos erros que nos derrotam, já que somos os maiores do mundo do futebol” (2000, p. 137). Ou melhor, são os erros dos nossos vilões, pois a culpa da derrota recairá sobre alguns indivíduos e não ao todo. Se os heróis do futebol “representam nossa comunidade” (HELAL, 2001, p. 154), os vilões, ao contrário, a envergonham. Os problemas que resultaram na derrota não são estendidos à seleção em sua totalidade, mas ficam restritos a uma pequena parcela da mesma. Enquanto a vitória é, frequentemente, louvada como reflexo direto das qualidades do futebol brasileiro, a derrota passa a ser compreendida como resultado da ação daqueles que não cumprem devidamente tudo aquilo que se espera daquele que defende a camisa do selecionado. Nesse sentido, os vilões se mostram personagens vitais para que a

87 Vida de goleiro não é nada fácil, principalmente se for da seleção nacional. Talvez seja necessária uma dose de masoquismo para suportar tamanha pressão. Masoquismo que segundo Hilário Franco Jr. não falta aos árbitros, afinal é preciso de algo mais do que profissionalismo para expor-se “constantemente a ofensas e a agressões por parte de jogadores, dirigentes e torcedores” (FRANCO JR., 2007, p. 309). Trata-se de uma categoria, portanto, potencialmente vilânica. Assim como os arqueiros, eles são figuras solitárias, o que possibilita que depositemos de forma compacta toda responsabilidade de uma derrota. Em nível clubístico, a arbitragem é uma produtora de vilões em série. A predisposição para culpá-los é enorme. Segundo Janet Lever há razões estruturais que tornam os árbitros, mais vulneráveis ao nosso descontentamento. O excesso de poder nele depositado e a possibilidade de uma decisão sua alterar o resultado de uma partida, fazem dele um alvo fácil de críticas, desconfiança e culpabilizações (LEVER, 1983, p. 164).

É comum que árbitros precisem sair de campo com escolta policial para protegê-los de possíveis agressões, não apenas de torcedores, mas de dirigentes e dos próprios jogadores. Proteção que virou motivo de piada. O humorista Ary Toledo afirmou certa vez que “o juiz de futebol é o único ladrão que rouba e sai protegido pela polícia”. Entretanto, no caso da seleção, são raríssimos os casos de vilania de árbitros. Depois de 1950, somente Mr. Ellis, que apitou o jogo entre Brasil X Hungria, em 1954, foi considerado o vilão da Copa. Como já foi abordado, anteriormente, a escassez de árbitros vilões se explica pela tendência de se interpretar a derrota da seleção como consequência de erros de profissionais ligados diretamente a mesma. Além disso, os jogos em que o Brasil perdeu ou foi eliminado da Copa, após 1954, não deram margens para que responsabilizássemos algum juiz pela derrota. Nada de pênaltis marcados, nem expulsões, gols anulados, impedimentos marcados e uma série de outros ingredientes básicos para uma vilania de árbitro.

imagem da seleção e os valores positivos a ela anexados podem ser conservados, já que a responsabilidade do insucesso recairá sobre um pequeno número de vilões. Indivíduos interpretados, muitas vezes, como traidores da pátria. Nesse sentido a configuração dos vilões da seleção segue o padrão dos da ficção: *o vilão representa o lado não virtuoso de um mundo idealmente concebido*.

Eles não são apenas perdedores, mas muitas vezes são vistos quase como criminosos. Por isso, o lateral Cafu, ao retornar para o Brasil, após a desastrosa campanha da Copa de 2006, desabafou: “Eu gostaria que o povo na rua não me olhasse com aquele olhar de que eu fosse um marginal. Eu não sou”.⁸⁸ Como um verdadeiro réu, também, comportou-se Barbosa ao dar a sua famosa declaração que faz alusão aos seus longos anos de vilania: “Aqui neste país a pena máxima de um criminoso é de trinta anos. Eles estão me cobrando a 47” (apud SOUTO, 2000, 69). Os vilões da seleção costumam ser concebidos como aqueles que não estão à altura da camisa canarinho, que mancham sua história, que a desrespeitam e, principalmente, a envergonham. Há uma relação hierárquica bem clara que se delinea nessas assertivas. Tornar-se vilão é uma forma de rebaixamento do *status* de algum profissional culpabilizado pela derrota. O vilão é o “Outro”, dissonante dos demais e inferiorizado.

A vilania de 1990 é um ótimo exemplo desse aspecto. Os vilões, Dunga e Lazaroni, foram vistos como representantes de um estilo de jogo que, segundo muitos, significava um retrocesso para o futebol nacional. Ambos seriam partidários do “futebol-força”, um futebol europeizado e que, portanto, descaracterizaria a escola brasileira. Foi a chamada “era Dunga”, ou seja, a geração de “matar a jogada com força física, de todo mundo atrás e ninguém na frente [...] Jamais o Brasil viu um futebol tão melancólico como o de agora. *Esse nunca foi o nosso futebol*” (JS, 25/06/1990, grifos meus).

Dunga, por sua vez, era percebido como um jogador truculento, sem habilidade e que, portanto, não possuía o perfil adequado para a seleção brasileira. Ele foi considerado “o mais europeu dos jogadores”, por Nelson Rodrigues Filho e mesmo tendo sido o melhor em campo,

88 Globo Esporte, Rede Globo de Televisão, 12/06/2006. Arquivo pessoal.

no jogo contra a Argentina que eliminou a seleção da Copa em questão, não foi poupado, pois “Esse é que o problema: quando Dunga é o melhor, o time está mal” (*JS*, 26/06/1990). A boa atuação na partida decisiva conseguiu apenas minimizar o peso da vilania de Dunga e fez a maior parte da responsabilidade caber mesmo ao técnico Lazaroni. Ele foi visto como uma espécie de mentor maligno de uma seleção que fugia completamente aos padrões consagrados do futebol brasileiro. Afinal, quem havia escalado Dunga? Quem havia montado a seleção, tentando adotar um esquema tático que fazia sucesso na Europa? O fracasso daquela Copa tinha nome e sobrenome: Sebastião Lazaroni.

O técnico, que já vinha sendo criticado ao longo da preparação da seleção para a Copa, teve sua vilania garantida após a derrota para o nosso maior rival, a Argentina. Por isso, o *Diário popular* de São Paulo, na edição do dia seguinte a esse jogo, estampou em sua primeira página, a manchete: “Eles tinham Maradona e nós Lazaroni”. Essa manchete é muito significativa, pois nela é encenado o embate entre a força e a habilidade, entre a burrice e o talento. Torcedores receberam a seleção no aeroporto segurando faixas que diziam frases debochadas e irônicas como: “Lazaroni é técnico, eu sou o Papa”⁸⁹. (*JS*, 28/06/1990). Apesar de ter servido de contraponto, o jogador adversário, Maradona, de forma alguma foi nosso “ídolo às avessas” como ocorreu com Obdulio, pois as principais referências usadas para se pintar o técnico da seleção brasileira de forma tão negativa, foram buscadas em nossa concepção idealizada de futebol nacional, pois como disse uma manchete do *Jornal dos Sports*: “O futebol de Lazaroni não é o futebol brasileiro” (25/06/1990).

A vilania, também, está relacionada a um fenômeno comum no futebol – e também fora – e que diz respeito à afirmação e conservação de identidades. Identidades positivas podem ser fortalecidas, pela

89 Trata-se de uma referência a uma propaganda da Fiat, estrelada por Lazaroni pouco antes da Copa do Mundo. No comercial, o técnico é parado por um policial italiano que lhe pede os documentos. Abaixo segue o diálogo: *Policial*: Documentos, senhor./ *Lazaroni*: Desculpe/*Policial*: Lazaroni.../*Lazaroni*: Eu sou brasileiro./*Policial*: Lazaroni, brasileiro?/*Lazaroni*: Eu sou técnico da Seleção Brasileira./*Policial*: Só falta dizer dizer que este Uno também é brasileiro.../*Lazaroni*: Sim, é feito no Brasil e é exportado para a Itália./*Policial*: Lazaroni, brasileiro, técnico da Seleção Brasileira, guia um Uno brasileiro. Prazer, eu sou o Papa! (Arquivo pessoal).

construção de alteridades negativas. No caso da seleção brasileira, a trajetória da consolidação da vilania, como mecanismo imprescindível para a compreensão da derrota, demonstra que desde 1950 os vilões gradativamente passam a comportar características não reconhecidas como nossas, ou seja, como “autenticamente” brasileiras. Eles passam a ser compreendidos como um grupo à parte, como um grupo que não nos representa devidamente, daí a necessidade de demarcá-los em um território reservado, e traçar uma fronteira entre “os outros” e “nós”. Como Pablo Alabarces já afirmou a manutenção de uma identidade precisa da “[...] invención de un *Otro*, en tanto la dinámica de invención de una identidad exige su alteridad” (ALABARCES, 2002, p. 48).

Vilões representariam aquele “futebol desbrasileirado” a qual Gilberto Freyre fez menção em seu artigo homônimo publicado no *Diário de Pernambuco* em 30/06/1974. Nesse texto, o sociólogo demonstrava desapontamento com as atuações da seleção na Copa de 1974, que teria dado mostras de um estilo de jogo incompatível com o jeito dionisíaco e “inconfundivelmente, distintamente nosso”, diferentemente do europeu “calculado, ordenado, matemático” (*Diário de Pernambuco*, 30/06/1974).

Quando a seleção brasileira é eliminada de uma copa, esse “outro” que nos nega, mas também nos afirma, são os vilões. Como veremos, *eles* é que são perdedores, covardes, mascarados, mercenários ou pernas-de-pau. *Nós*, ou seja, “autêntico” futebol brasileiro, ao contrário, é vitorioso, brioso, composto por profissionais que defendem a seleção por amor e não por dinheiro, é o futebol-arte de tantos craques e conquistas, etc. Dunga, em 1990, foi o “mais europeu dos jogadores” e, em 1986, por exemplo, dizia-se que “Telê Santana não podia ser técnico da seleção”, pois como afirmou o ex-jogador Gérson, Telê “sempre foi um perdedor. Nunca ganhou nada” (JS, 27/06/1986). O técnico, portanto, não teria o perfil vitorioso adequado a seleção de tradição vitoriosa, e devido a essa incompatibilidade o resultado foi a eliminação da seleção da Copa de 1986.

Entretanto, é muito importante atentarmos para uma importante questão. A chamada “escola brasileira de futebol”, que fundamenta as narrativas da derrota produzidas pela imprensa – e a opinião de muitos de nós torcedores –, não pode ser compreendida como uma essência

e sim uma concepção historicamente formada com auxílio não só das vitórias em campo da seleção brasileira, mas das interpretações delas derivadas. Foi o que vimos, por exemplo, em 1938 no clássico artigo de Gilberto Freyre, “Foot-ball mulato”. Os vilões, portanto, representam pelas avessas o ideal identitário do futebol brasileiro.

Portanto, não há essências na vilania. Por isso, é possível adaptar para os vilões, a famosa frase que Simone de Beauvoir cunhou para fazer referência à identidade feminina: não se nasce vilão, mas, torna-se.⁹⁰ Finalmente, é importante lembrarmos que a vilania – tanto clubísticas quanto a da seleção – não é uma condição permanente, pois há sempre a possibilidade de transfiguração futura. Foi o que se pôde perceber claramente na trajetória de Dunga, eleito vilão em 1990, transfigurando-se em herói do tetra em 1994 e voltando ao reino da vilania como técnico derrotado, em 2010. Tudo pode acontecer nos 90 minutos que separam o heroísmo da vilania.

Referências Bibliográficas

BROMBERT, Victor. *Em louvor de anti-heróis: figuras e temas da moderna literatura europeia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. Betty Sue Flowers (Org.). Trad. Carlos Felipe Moisés. *O poder do mito*. 16.ed. São Paulo: Palas Athena, 1990. 242p. CAPRARO, André Mendes; SCHELIGA, Grasielli; CAVICCHIOLI, Fernando; MEZZADR, Fernando. A imagem do atleta: publicidade em ano de Copa do Mundo de Futebol (Alemanha - 2006). *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.25, n.1, p.163-71, jan./mar. 2011.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FILHO, Mário. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. Ruy Castro (org. e sel.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRANCO JR. Hilário. *A dança dos deuses*. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

90 A frase original é “não se nasce mulher, mas torna-se”.

- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. 2. Tomo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- GIULIANOTTI, Richard. Built by Two Varelas: The Rise and Fall of Football Culture and National Identity in Uruguay. In: FINN, Garry P.T.; GIULIANOTTI, Richard. *Football Culture: Local Contests, Global Visions*. London: Frank Cass, 2006.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio de la belleza atlética*. Trad. Aldo Mazzucchelli. Buenos Aires, Katz, 2006.
- HELAL, Ronaldo; Gordon, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo; HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HUGHES-HALLET, Lucy. Herois, Salvadores, traidores e super-homens. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LEVER, Janet. A loucura do futebol. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- NETO, Geneton Moraes. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM, 1986.
- PIPPPO, Antonio. *Obdulio desde el alma*. Montevideu: Fin de siglo, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol. Organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SOUTO, Sergio Monteiro. *Os três tempos do jogo: Anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.
- THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. Trad. Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas: Papirus, 1995.
- VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

